

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM MARIA JOSÉ BRANCO
23 de Abril de 2025

LES INNOCENTS / 1987

(A Culpa dos Inocentes)

Um filme de André Téchiné

Realização: André Téchiné / **Argumento:** André Téchiné e Pascal Bonitzer / **Direcção de Fotografia:** Renato Berta / **Direcção Artística:** Zé Branco / **Guarda-Roupa:** Christian Gasc / **Música:** Philippe Sarde / **Som:** Jean-Louis Ughetto e Dominique Hennequin / **Montagem:** Martine Giordano / **Interpretação:** Sandrine Bonnaire (Jeanne), Simon de La Brosse (Stéphane), Abdel Kechiche (Saïd), Jean-Claude Brialy (M. Klotz), Tanya Lopert (Myriam), Stéphane Onfroy (Alain), Marthe Villalonga (dona do hotel), Christine Paolini (Maité), etc.

Produção: T. Filmes - Cinéa - Films A2 / **Produtores:** Alain Terzian e Philippe Carcassonne / **Director de Produção:** Frédéric Sauvagnac / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 35mm, colorida, versão original legendada em português / **Duração:** 97 minutos / **Estreia em Portugal:** King, a 22 de Março de 1991.

A questão abordada, ou a questão "evocada", em **Les Innocents**, é a da situação da comunidade magrebina em França e dos movimentos de extrema-direita que se lhe opõem. Mas é evidente que o olhar de Téchiné não se resume à observação "social", mesmo que este seja o filme do cineasta onde a questão social tem mais peso. Não há sombra de retórica na sua abordagem do tema, mesmo que Téchiné seja capaz de sugerir a monstruosidade do racismo "organizado": veja-se aquele plano, tão discreto como sinistro, onde um movimento de câmara vem revelar os membros de uma "milícia" de extrema-direita a praticarem tiro com armas de fogo. A "démarche" nunca é demonstrativa nem estereotipada: bem pelo contrário, a complexa teia de relações entre as personagens vem apenas reiterar a simplicidade irracional das respostas racistas a problemas sociais.

Se o filme de Téchiné sublinha alguma coisa é a extrema artificialidade desse conceito, ou mesmo, no limite, a artificialidade da própria definição do "outro": há um mesmo espaço habitado por muitas pessoas diferentes e o facto de, no fim, o jovem de extrema-direita e o seu "irmão" argelino morrerem ao mesmo tempo, enquadrados no mesmo plano, vem apenas dizer que as identificações e as oposições são algo de substancialmente mais complexo do que se quer fazer crer. De resto, o "outro" aqui tanto pode ser a personagem de Saïd, o magrebino, como Stéphane, o jovem militante de um movimento de extrema-direita. Téchiné olha-os com o mesmo amor - se há cineasta que gosta das suas personagens, sejam elas o que forem, é Téchiné - numa espécie de afirmação de que o cinema pode quebrar a habitual dicotomia "campo - nós; contracampo - os 'outros'". Nesse sentido. **Les Innocents** é um filme sem

contracampo.

Mas se **Les Innocents** mexe com estes assuntos é fundamentalmente para encontrar material com que construir uma tragédia - e se não se tivesse percebido antes, no final do filme aparece uma citação da "Antígona" de Sófocles. A relação amor/ódio entre Saïd e Stéphane, "irmãos" inimigos colocados em extremos opostos, tem o seu desfecho precipitado pela entrada em cena da personagem de Sandrine Bonnaire, principal catalizador de toda a narrativa. O cinema de Téchiné era, nos anos 80 e 90, uma das melhores expressões contemporâneas do "cinema de personagens": tudo parte da definição delas e tudo o que se passa tem a ver com as suas transformações e os seus percursos. É um pouco esse o motivo porque temos sempre a sensação, num filme de Téchiné, de entrarmos com a "história a meio": confrontamo-nos de início com personagens ainda indeterminadas e com poucos ou nenhuns indícios caracterizadores do seu comportamento, numa espécie de oposição ao trabalho "clássico" de definição de personagens. Elas existem, de início, meramente como "corpos" - dado fundamental para explicar a importância dos actores nas narrativas do cineasta - e o filme é um pouco como se fosse a recomposição das suas biografias. Numa equação seria qualquer coisa como "corpo + biografia = personagem": e é o preenchimento da biografia que costuma ocupar o centro dos filmes de Téchiné.

Daí que **Les Innocents**, como qualquer outra obra do cineasta, se articule sempre entre o passado que não vimos e o presente que o filme mostra: de certa maneira são sempre filmes sobre o passado, um passado que, revelado a pouco e pouco, se percebe determinar quase em absoluto as coordenadas narrativas do presente. No contexto temático do filme semelhante mecanismo, para além de sublinhar uma ideia de tragédia - ninguém controla o seu destino - vem acentuar a complexidade do racismo e fazê-lo depender de uma dinâmica cuja origem já ninguém pode detectar: a esta luz, são todos "inocentes". E o final, que destrói a um só tempo o jovem argelino e o jovem racista, quer apenas dizer que a tragédia de uns e de outros é a mesma.

Luís Miguel Oliveira